



MULHERES AFRICANAS EM PORTUGAL:

O DISCURSO DAS IMAGENS

(SÉCULOS XV-XXI)

Isabel Castro Henriques



REPÚBLICA
PORTUGUESA

SECRETÁRIA DE ESTADO
PARA A CIDADANIA E A IGUALDADE



**MULHERES AFRICANAS
EM PORTUGAL:
O DISCURSO DAS IMAGENS
(SÉCULOS XV-XXI)**

Isabel Castro Henriques

ÍNDICE

PREFÁCIO	=====	5
MULHERES AFRICANAS EM PORTUGAL: O DISCURSO DAS IMAGENS (SÉCULOS XV-XXI)	=====	7
UM DISCURSO FUNDADOR DO PRECONCEITO ANTI-NEGRA (SÉCULO XIII)	=====	10
REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS EM QUE A IMAGEM DA MULHER NEGRA IDENTIFICA UM ESPAÇO AFRICANO, UMA TEMÁTICA TEATRAL, UM COMPORTAMENTO, UM RITUAL	=====	12
O TRABALHO DOMÉSTICO DE ESCRAVAS E FORRAS NAS CASAS BURGUESAS E ARISTOCRATAS	=====	16
UM TRABALHO FEMININO: O ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE LISBOA	=====	20
O COMÉRCIO URBANO FEMININO, UMA ACTIVIDADE SECULAR, INTENSA E CONTÍNUA DAS MULHERES AFRICANAS NOS ESPAÇOS PORTUGUESES	=====	22
O DURO TRABALHO DAS CALHANDREIRAS	=====	26
MULHERES AFRICANAS PROPRIETÁRIAS DE CASAS	=====	28
A INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO RELIGIOSO	=====	30
OUTRAS RELAÇÕES COM O ALÉM	=====	34
OS ESPAÇOS LÚDICOS: ESPECTÁCULOS, DANÇA E MÚSICA	=====	38
FESTAS E MEMÓRIA HISTÓRICA	=====	42
PERSONALIDADES FEMININAS RELEVANTES NA SOCIEDADE PORTUGUESA	=====	46
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO TEMPO COLONIAL (FINAIS DO SÉCULO XIX-SÉCULO XX)	=====	48
MULHERES AFRICANAS NA TOPONÍMIA LISBOETA	=====	54
PRESENÇAS FEMININAS AFRICANAS NO PORTUGAL DEMOCRÁTICO	=====	56
BIBLIOGRAFIA	=====	60

PREFÁCIO

A diversidade é uma marca identitária da sociedade portuguesa. Não é de hoje nem se confina aos fluxos migratórios significativos para o Portugal dos finais do século XX, especialmente vindos de países africanos. Mas a “desvalorização da humanidade dos Africanos” habitantes no Portugal europeu desde o século XV, como refere nesta publicação Isabel Castro Henriques, e o seu silenciamento ao longo de séculos, tornou quase invisível a sua participação na também sua sociedade portuguesa, como se o nosso património cultural e simbólico não vivesse igualmente da riqueza desta presença.

Como em toda a história universal, o silenciamento é ainda maior quando falamos do lugar e do papel das mulheres. Este é um processo de desocultação que está em marcha nas mais variadas esferas, e que faz parte da nossa abordagem de política pública de igualdade e não discriminação, assente numa visão estrutural e interseccional da discriminação e numa perspetiva concertada e suportada em conhecimento científico. Aprofunda-se a igualdade, na lei e na prática e em medidas de prevenção da violência e da discriminação, de fomento da capacitação e de sensibilização das próprias mulheres e de profissionais estratégicos/as, ou ainda no reforço da agenda social e da visibilidade das questões da igualdade.

É um processo que estamos igualmente a aprofundar, junto das mulheres afrodescendentes e das mulheres migrantes. De facto, a presente edição junta-se a um conjunto de outras publicações e recursos que visam assinalar a Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024, uma iniciativa das Nações Unidas que promove o desenho e a implementação de medidas de reconhecimento, justiça e desenvolvimento. Destaquem-se, nesta nossa celebração, outras publicações lançadas com o trabalho da professora Isabel Castro Henriques, a quem agradeço o contributo científico, na desocultação desta presença, mas também a organização de seminários e workshops, o financiamento de estudos sobre as mulheres migrantes e descendentes, ou o projeto “Práticas Saudáveis: Fim da Mutilação Genital Feminina” (2018-2020), implementado em parcerias locais com a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, o Alto Comissariado para as Migrações e a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.

Divulgamos, assim, a história e o contributo de um conjunto de mulheres de origem africana, pretendendo deste modo rever as abordagens históricas que nos têm dominado e as têm ocultado. Como bem refere a autora, ainda hoje temos a marca de um imaginário comum que associa negra a escrava, uma desvalorização implícita que urge ultrapassar. Queremos pois acrescentar mais um contributo nesse sentido, através desta seleção de imagens fortes que visam destacar estas mulheres do anonimato da sua “participação ativa no trabalho, na esfera religiosa, nos espaços lúdicos, contribuindo de forma contínua e eficaz para o funcionamento das realidades sociais, económicas e religiosas portuguesas”. Trata-se de dar vez e voz. Ou, como muito melhor diria Maya Angelou:

Um pássaro não canta porque tem uma resposta. Canta porque tem uma canção.

Rosa Monteiro
Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade

MULHERES AFRICANAS EM PORTUGAL: O DISCURSO DAS IMAGENS (SÉCULOS XV-XXI)

Ao longo de vários séculos, muitas foram as cidades, vilas, lugares portugueses vividos e percorridos por mulheres de origem africana, a grande maioria anónima, trazidas para Portugal no quadro violento do comércio negreiro e da escravatura ou já nascidas no país. A sua integração na sociedade portuguesa organizou-se através de uma participação activa no trabalho, na esfera religiosa, nos espaços lúdicos, contribuindo de forma contínua e eficaz para o funcionamento das realidades sociais, económicas e religiosas portuguesas. Se a presença destas mulheres no panorama social português era aceite e reconhecida, ficou igualmente marcada pela construção de um feroz preconceito anti-negro que naturalmente atingia todos os Africanos, em particular os escravos, que emergiu e se consolidou a partir do século XV, evoluindo em função das diferentes conjunturas e ideologias, atravessando séculos de história comum.

Tratou-se do início de um longo processo de construção e de afirmação de um preconceito que desvalorizou a humanidade dos Africanos, em geral, das mulheres em particular, marcado pelos diferentes contextos históricos que se foram sucedendo, refazendo e reforçando a sua inferiorização, numa linha de continuidade que permite compreender a eficácia e a durabilidade deste fenómeno português. Até quase aos nossos dias a identificação imediata entre **Preta ou Negra = Escrava** marca ainda o nosso imaginário: a discriminação racial e social articula-se para construir uma imagem negativa da Africana.

Transportadas pelas forças escravagistas portuguesas e desembarcadas como escravas no país entre os séculos XV e XIX, as Africanas desenvolveram estratégias destinadas a garantir a sua sobrevivência num território desconhecido, hostil, controlado e sem espaços abertos à fuga libertadora, aceitando e adaptando-se às propostas portuguesas e construindo uma identidade inédita, marcada pela preservação da sua africanidade e simultaneamente integradora das realidades teóricas e práticas portuguesas.

Todo este processo de reconstrução identitária que tanto atingiu homens e mulheres africanos organizou-se em torno de um jogo inclusivo e integrador nas práticas sociais portuguesas e exclusivo e discriminatório pela força desse preconceito anti-negro e anti-escravo português, gerando patrimónios culturais sincréticos que permaneceram no país, revelando as manifestações silenciosas mas interventivas de uma comunidade secular na organização, na história e na memória portuguesas.

As representações escritas e plásticas das figuras femininas africanas que marcaram historicamente a realidade portuguesa permitem-nos construir a presença efectiva dessas mulheres anónimas e das formas como geriram as suas vivências em terras portuguesas.

Trata-se de representações portuguesas e europeias marcadas pelo universo cultural ocidental, que não podem fugir nem aos condicionamentos ideológicos, nem às regras sociais e religiosas de cada época, nem às normas da escrita ou às formulações e aos códigos plásticos impostos pelas conjunturas históricas e técnicas dos tempos.

Se estas imagens, escritas, iconográficas, materiais construídas durante séculos nem sempre representam a realidade, exprimem sim fórmulas metafóricas, visões fantasmagóricas dos Africanos, juízos de valor, revelam não os Outros mas nós próprios, os Europeus. O problema crucial da interpretação das representações dos Africanos elaboradas pelos Portugueses, sobretudo nos séculos XIX e XX marcados por uma panóplia eficaz de instrumentos técnicos e conceptuais ao serviço da fabricação da figura do Outro, é certamente o de desmontar o discurso paradigmático ocidental/ europeu/ português, compreender o olhar que foi sendo organizado sobre o “preto” e o “mulato” e utilizar/filtrar/reinterpretar toda a documentação produzida – textos, desenhos, gravuras, fotografias, publicidades, pinturas, cerâmicas, filmes.... – para encontrar no emaranhado dos preconceitos a realidade do Outro e da Outra africanos.

As imagens apresentadas, cujo discurso procurámos interpretar para dar a conhecer os contornos fundamentais das vivências seculares das mulheres africanas em Portugal, sublinham mas sobretudo reforçam, através de leituras sumárias dos documentos escolhidos, não só a importância historiográfica do documento iconográfico, mas também as muitas actividades femininas - domésticas, amas, vendedeiras de uma imensa variedade de produtos, lavadeiras, aguadeiras, calhandreiras, caiadeiras, cozinheiras, padeiras, costureiras, engomadeiras, um número quase infinito de tarefas e mais «1000 negras que andam pela cidade [Lisboa] com canastra, alimpando a cidade» (Brandão, 1552) - integradas na sociedade portuguesa. Por outro lado, estas imagens põem também em evidência a diversidade de formas que o preconceito assumiu, assim como a dureza e a persistência de representações que inferiorizavam os valores e as práticas culturais africanas, valorizando no mesmo movimento os benefícios do contacto e da integração, revelados através do corpo, do vestuário, dos comportamentos, das práticas e das atitudes que envolviam as Africanas.

A produção ocidental destas imagens, que assenta quase exclusivamente na gravura e no desenho, primeiro, e depois na fotografia, fornece uma excelente informação sobre o olhar português relativo às mulheres, aos homens e às coisas da África, frequentemente caracterizado pela ridicularização, pela ironia ou troça e pelo paternalismo, sempre de desvalorização do Outro.

Caricaturas, juízos de valor, formas de coisificação dos Africanos, produzidos, publicitados, amplamente difundidos, sobretudo a partir de Oitocentos, através de suportes plásticos, gráficos, “ao vivo” (como nas exposições coloniais), fabricaram imaginários portugueses que inferiorizaram os Africanos, hierarquizaram as humanidades, e valorizaram a dimensão e a natureza das práticas preconceituosas portuguesas, intensificadas pelas relações coloniais que marcaram a vida nacional nos séculos XIX e XX.

UM DISCURSO FUNDADOR DO PRECONCEITO ANTI-NEGRA

(SÉCULO XIII)

«Non quer' eu donzela fea
Que ant' a mia porta pea.
Non quer' eu donzela fea
E nega como carvon,
Que ant' mia porta pea
Nen faça como sison.[...]
Non quer' eu donzela fea
E velosa come can,[...]
Nem faça como alermã. [...]
Non quer' eu donzela fea,
Velha de máa coor.
Que ant' mia porta pea
Nen me faça i pior.[...]»

Cantiga de escárnio e maldizer de Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela, integrada na sua obra *Cantigas de Santa Maria*, 1252-1284, que descreve com grande crueldade uma mulher negra identificável através dos caracteres físicos e comportamentais apresentados de forma negativa e repugnante. Velha e donzela, feia e negra de má cor, peluda como um cão, mal cheirosa como sison (ave pernalta) e alermã (planta da família da arruda que cheira mal quando queimada e pertence ao mundo da feitiçaria), que ninguém pode tolerar à porta de sua casa. O lugar destinado às Africanas está fixado: à margem da sociedade da norma, os seus caracteres somáticos transportam-nas para o mundo animal e vegetal, retirando-lhes a humanidade. Afonso X, *Cantigas de Santa Maria*, século XII. Património Nacional - Real Monastério. Biblioteca del Escorial, Espanha.



Caneca de Vinho representando uma mulher negra, associada, como era comum de forma desvalorizante, ao consumo excessivo de vinho e marcada pelas características físicas que alimentavam o preconceito português. Cerâmica de Barcelos, início do século XX. Coleção particular. Fotografia de Júlio Marques.

REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS
EM QUE A IMAGEM DA MULHER NEGRA IDENTIFICA
UM ESPAÇO AFRICANO,
UMA TEMÁTICA TEATRAL,
UM COMPORTAMENTO,
UM RITUAL



Brasão de Armas da Família Mina. A representação de figuras negras na heráldica europeia sobretudo a partir do século XV está ligada ao fenómeno da expansão ultramarina, marcando no caso português, em particular, as armas de navegadores ou grandes comerciantes que desempenharam funções relevantes. Esta imagem, como outras, sublinha através do físico e dos adornos da mulher representada uma África selvagem que se pretende colonizar, dando conta da ligação da família Mina à tarefa dos Descobrimentos. Iluminura do *Livro da Nobreza e Perfeição das Armas...*, de António Godinho, século XVI. ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Fotografia de José António Silva.



Auto das Regateiras e da Natural Invenção. Xilogravura da Capa desta obra quinhentista de António Ribeiro Chiado que representa diversas mulheres que integram a trama do texto do autor. As figuras femininas negras no teatro da época vicentina, onde se inclui este autor, desempenham papéis reais e simbólicos importantes que revelam as preocupações da sociedade portuguesa de então. O corpo vestido, a língua falada, a beleza branca que se opõe à fealdade negra são marcadores que usam mulheres africanas nos textos, nas narrativas, nas peças teatrais. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.



O Nascimento da Virgem, pintura da primeira metade do século XVI, da autoria de Garcia Fernandes e Jorge Leal. Com alguma insistência tem-se repetido que Africana com o cesto à cabeça é uma vendedeira ou lavadeira. Mas trata-se muito provavelmente de uma oferenda destinada à parturiente que consagra os rituais sociais dos nascimentos. A Africana poderá ser uma das muitas mulheres africanas forras que mantinham relações comerciais apertadas com as casas burguesas portuguesas. Colecção António Trindade. Fotografia de Júlio Marques.



O Terramoto de Lisboa de 1755, pintura de 1760, da autoria de João Glama Ströberle, que representa a tragédia que atingiu a cidade, e sobretudo homens e mulheres de origens muito diversas. Os Africanos não podiam faltar nesta representação simbólica, onde participam figuras femininas africanas, anjos, religiosos e crucifixos e também o próprio Marquês de Pombal, que enunciara pragmaticamente as tarefas urgentes: “enterrar os mortos e cuidar dos vivos”. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia de Carlos Monteiro.



Tabuleiro de Xadrez de cerâmica novecentista, da autoria de Rosa Ramalho, em que as peças negras e brancas, de onde sobressai a rainha negra, representam a multidão de negros em número idêntico aos brancos que viviam em Portugal no século XVI, metáfora já antes referida em iluminuras do século XIII, em obras de Afonso X. Esta ideia quinhentista de comparar a presença dos negros e dos brancos às personagens do tabuleiro de xadrez foi utilizada nas construções de metáforas literárias portuguesas, como é o caso de João de Barros, no século XVI. Fotografia de António Rento. Museu Nacional de Etnologia, Lisboa.

O TRABALHO DOMÉSTICO DE ESCRAVAS E FORRAS NAS CASAS BURGUESAS E ARISTOCRATAS



Mulher negra doméstica amanhando peixe provavelmente na cozinha de uma família portuguesa. As diferentes tarefas do quotidiano nas casas burguesas ou aristocratas eram preferencialmente asseguradas por mulheres africanas, escravas ou forras. Painel de azulejos do século XVIII, Museu da Cidade - CML, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.





À Porta da Igreja, pintura de autor desconhecido, da segunda metade do século XVIII. Uma criada negra, provavelmente forra, acompanha a sua patroa na ida à igreja, assegurando a sua intangibilidade. O acompanhamento dos patrões nas suas deslocações era também uma tarefa comum desempenhada por Africanos, homens e mulheres, dependentes e vivendo no mesmo espaço doméstico. Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa.



Criada africana servindo frutos em bandeja. Pintura a óleo da segunda metade do século XVIII, de autor desconhecido. Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Lisboa.





Mercado Português, pintura de 1806, da autoria de Zacharie-Félix Doumet, visão francesa de um mercado urbano português, que representa uma dama portuguesa na sua ida ao mercado, acompanhada da criada negra, fazendo as compras destinadas à família, a serem certamente transportadas pela mulher africana, vestida de forma idêntica à da patroa. A imagem não permite definir de maneira exacta o estatuto (escrava ou forra?) e a função exercida pela mulher negra.
Museu da Cidade – CML. Fotografia de Júlio Marques.

Escravas Africanas. Pequenas esculturas em prata, produzidas no México no final do século XVIII, representando duas mulheres negras provavelmente escravas numa tarefa doméstica corrente.
Museu da Quinta das Cruzes, Funchal.

UM TRABALHO FEMININO: O ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE LISBOA





O Chafariz d'El Rei no século XVI. Pintura de autor desconhecido, datada de c.1570-c.1580, representando uma cena urbana lisboeta junto ao Chafariz d'El Rei, na proximidade da Ribeira Velha - lugar de muita actividade comercial feminina -, revelando as muitas tarefas levadas a cabo por mulheres negras, livres ou escravas, que permitiam o funcionamento da cidade. A imagem concentra uma multidão misturando vários grupos sociais, onde se destaca uma grande quantidade de Africanos, entre eles muitas mulheres, desempenhando as mais diversas tarefas, entre elas, a recolha da água nas bicas do chafariz e o seu transporte em bilhas à cabeça, que permitiam o abastecimento da água à cidade e aos seus moradores portugueses. Estas mulheres da água eram designadas por «negras-do-pote». Segundo João Brandão (de Buarcos), na sua memória sobre a Lisboa de 1552, havia «1000 negras que andam ao pote e quartas, vendendo água por toda a cidade». E acrescenta que «andam ao pote a acarretar água do chafariz de V. Alteza [o Chafariz del' Rei] e doutras partes... As quais ganham dois vinténs cada uma. Porque delas pagam a seus senhores um vintém e vinte e cinco réis; e o mais que ganham é para si e seu comer, porque de dia comem à sua custa e de noite em casa dos senhores». Se as escravas iam buscar água para as casas dos proprietários, abasteciam-se também da água para venda. O trabalho destas mulheres escravas inscrevia-se no sistema dos «negros de ganho» que trabalhavam por conta própria, mas com a obrigação de dividir os lucros com os seus proprietários. As escravas adquiriam assim alguma independência podendo acumular quantias em dinheiro que lhes permitiam pagar a respectiva alforria, com autorização dos seus donos. Alguns destes escravos do ganho viviam fora da casa dos proprietários, o que lhes permitia uma certa autonomia no trabalho e nas suas práticas culturais. Saliente-se ainda que o uso das bicas dos diferentes chafarizes urbanos foi rigorosamente regulamentado no século XVI, segundo a côr da pele, o sexo e o estatuto social dos utilizadores (Postura Municipal de 1551). Se a pintura descreve actividades femininas, dá conta de algumas cenas inusitadas e surpreendentes: um Africano ao leme de uma pequena embarcação, enquanto o colega toca pandeireta para tornar mais doce a relação amorosa dos dois passageiros brancos; à esquerda, na “pista de dança” onde se desenrola um baile, a figura de um escravo negro carregando uma bilha na cabeça e preso por uma corrente de ferro que liga o pescoço aos pés; um outro Africano a cavalo envergando o hábito da Ordem de Santiago. Associação de Colecções – The Berardo Collection, Lisboa.

O COMÉRCIO URBANO FEMININO, UMA ACTIVIDADE SECULAR, INTENSA E CONTÍNUA DAS MULHERES AFRICANAS NOS ESPAÇOS PORTUGUESES



O Rossio, o Largo e a Igreja de São Domingos em Lisboa. Nesta representação setecentista da Praça do Rossio – lugar de muitas festas e cerimónias religiosas ou punitivas (como as da Inquisição) e de uma importante «feira que se faz nesta cidade cada oito dias» - , vê-se em primeiro plano, as bancas do mercado e, à direita, o Hospital de Todos-os-Santos, onde na imponente escadaria se sentavam vendedeiras africanas, descansando ou esperando fregueses. Em segundo plano, à esquerda, o Largo e a Igreja de São Domingos, lugar da primeira confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, instalada em finais do século XV, que acolheu os Africanos e desempenhou um papel relevante na sua protecção, defesa e integração social e religiosa. Este amplo espaço lisboeta, chamado hoje pelos próprios Africanos «o lugar do encontro», continua a acolher todos os Africanos, qualquer que seja a origem, o sexo, a idade, a profissão, a religião, lugar onde conversas, negócios, feitiçarias se cruzam marcando a singularidade do local. *O Rossio antes do terramoto de 1755*, desenho de Zuzarte de 1757, Arquivo CTT. Fotografia de Júlio Marques.

Vendedeiras africanas. A actividade comercial desempenhada pelas mulheres africanas revelou-se ao longo de séculos uma prática continuada, apreciada por todos, essencial à vida urbana dos Portugueses. A intensidade desta tarefa traduziu-se na riqueza da sua representação quer por Portugueses, quer por estrangeiros instalados em Portugal. A venda nos mercados e na Ribeira, o comércio de rua ou o comércio de porta, eram tarefas de centenas de mulheres negras e mestiças, forras e cativas que calcorreavam as cidades de uma ponta à outra vendendo os seus produtos - bens alimentares, como os produtos agrícolas (frutas e hortaliças), o peixe, o marisco, a caça e produtos de preparação doméstica, como arroz e arroz-doce, ameixas e favas cozidas, aletria, que rendiam boa soma de dinheiro semanal, «porque só aos domingos deixam de vender» (Brandão, o.c. 1552), não esquecendo a venda de outros bens de consumo, como o carvão -, tendo um papel fundamental na organização urbana, permitindo também a estas mulheres uma acumulação de capital, que sabiam gerir e aplicar noutros projectos. Muitas destas vendedeiras tinham clientes portuguesas certas, as freguesas, que nelas confiavam, esperando-as quotidianamente e comprando os seus produtos indispensáveis à alimentação familiar.



Vista do Mosteiro dos Jerónimos da Praia de Belém, pintura do século XVII, de Filipe Lobo, que mostra à direita uma vendedeira africana de cesto à cabeça, carregada de produtos provavelmente alimentares.

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.



Mulher negra pescando no rio. Painel de Azulejos seiscentistas, Palácio Fronteira, Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, Lisboa.

Fotografia de Júlio Marques.



Africanas negras e mestiças, vendedeiras de tremoços e de fava-rica, gravuras aguareladas de Manuel S. Godinho, Colecção de Estampas intitulada *Ruas de Lisboa...*, 1826; litografia colorida oitocentista, representando uma mulher africana vendendo tremoços. À direita, fotografia de vendedeira de mexilhão. Museu da Cidade – CML, Lisboa. Fotografias de Júlio Marques.



O DURO TRABALHO DAS CALHANDREIRAS



Calhandreira africana, figura típica que assegurava a recolha «das sujidades», isto é, dos detritos das casas portuguesas urbanas, carregando a pesada calhandra à cabeça, resultado da ausência de esgotos capazes de assegurar a higiene doméstica das cidades. Litografia francesa de 1806 de Zacharie-Félix Doumet, Museu da Cidade – CML, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



O despejo das calhandras. Esta imagem põe em evidência dois pólos da actividade dos Africanos: enquanto os homens se empenham na descarga do barco ancorado na areia, as mulheres procedem ao despejo das calhandras no rio, provavelmente na zona da Ribeira, em Lisboa: uma delas descansa depois de efectuado o despejo, a outra executa a operação. Este gesto durou séculos, só tendo terminado no final do século XIX. Litografia colorida, *Sketches of Portuguese Life ...*, Londres, 1826. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

MULHERES AFRICANAS PROPRIETÁRIAS DE CASAS

*«Porta de Santo Antão... Violante Fernandes,
preta da Mina, possui casas próprias e é
avaliada em 60000 réis»*

*Entre a Porta de Santo Antão e a Mouraria,
«Brázia Rodrigues, preta em casas suas
de 40000 réis»*

*«Na Rua das Gáveas contamos... Bárbara
Fernandes, mulher preta, em casas suas,
avaliadas em 20000 réis e uma Dona Francisca
que mora nas casas dessa mulher preta
e que não vale mais que 4000 réis».*

*«Rua da Atalaia... Madalena Magra preta,
em casas suas, avaliadas em 40000 réis».*

*«Na Segunda Rua da Rosa, que se chama
da Gouveia, vive[m]... uma mulher preta
que é da Mina, avaliada em casas suas
em 10000 réis».*

*«Na Rua da Boa Viagem com casas de uma preta
de Santos, avaliadas em 40000 réis».*

Casas próprias. Designadas pelo seu nome, português como acontecia com todos os Africanos que eram levados a modificar o seu nome africano e a adoptar nome português que lhes permitia uma melhor integração social, estas mulheres identificadas também pela cor da pele, ganharam visibilidade graças ao seu estatuto económico e ao seu valor financeiro. *Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El Rei nosso senhor no ano de 1565*, Lisboa, Câmara Municipal, 4 volumes, 1947-1948.



Vendedeira de tremoços. A actividade comercial feminina permitia a realização de lucros que as mulheres (e os homens) africanas aprenderam e lhes permitia uma acumulação suficiente para a aquisição de bens de relevo, como casas para si próprias e para fazer negócio, arrendando «camas», como é referido por João Brandão, em 1552. Pormenor de litografia colorida oitocentista. Museu da Cidade – CML, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.

A INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO RELIGIOSO



Mulher casada rezando a Nossa Senhora do Rosário. Este «*Retabete de Nossa Senhora do Rosário*», de autor desconhecido, datado dos finais do século XVI, representa um casal de Africanos com o vestuário da época – a mulher com a cabeça tapada -, provavelmente casados segundo os rituais católicos, a orar à Santa. Se o casamento era um fortíssimo marcador social e religioso nas sociedades africanas, o matrimónio católico permitia aos Africanos adquirir estatuto social e lugar nos rituais sagrados da sociedade portuguesa. Igreja de Santa Catarina, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



Mulher negra rezando em capela particular. Intitulada «*Atitude das Portuguesas na Igreja*», esta litografia francesa de Zacharie-Félix Doumet, de 1806, que condena as práticas femininas portuguesas nos cultos católicos, mostra o interior de uma capela, aparentemente particular, e integrando uma mulher negra, ajoelhada e rezando, não se sabendo o seu estatuto, mas sendo provavelmente doméstica das damas brancas. Museu da Cidade - CML, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



Nossa Senhora da Piedade ladeada pelos quatro «Santos Pretinhos», na Sé de Braga. Ladeando Nossa Senhora da Piedade, na Capela do Claustro da Sé de Braga, estão Santo António de Noto e São Benedito, Santo Elesbão e Santa Ifigénia, os quatro santos negros que acompanham diferentes figuras religiosas do Catolicismo, e se multiplicam e são venerados nas igrejas portuguesas. Fotografia de Júlio Marques.

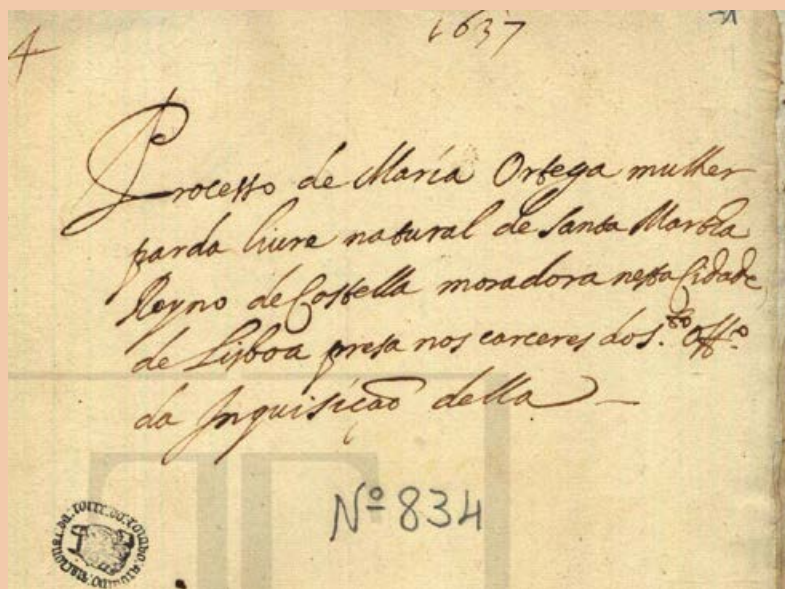


Santa Ifigénia, imagem esculpida existente no Convento de Santa Clara, no Porto, e que integra o sistema plástico português do século XVIII, foi importada da Etiópia - onde a sua conversão ao Cristianismo foi marcada por violentos acontecimentos e onde terá difundido o Cristianismo - para a Andaluzia no século I, trazida para Portugal no século XVIII, o seu culto estendendo-se depois ao Brasil. Fotografia de Júlio Marques.



Altar da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Este altar consagrado a Nossa Senhora do Rosário, instalado na Igreja setecentista da Graça, em Lisboa, sublinha a relação desta Santa com a população em geral, mas com os Africanos em particular. A Santa está acompanhada por quatro santos negros, Santo António de Noto e São Benedito, ambos quinhentistas vivendo em Palermo, descendentes de escravos africanos, Santo Elesbão, imperador da Etiópia no século VI e Santa Ifigénia, princesa da Nubia no século I, venerados na Andaluzia, de onde o seu culto foi introduzido em Portugal, no século XVIII. Fotografia de Júlio Marques.

OUTRAS RELAÇÕES COM O ALÉM



Maria Ortega é a figura central de um episódio singular descrito num processo da Inquisição portuguesa, datado de 1637. Feiticeira de renome moradora em Lisboa, «parda livre», ex-escrava, solteira, 33 anos, natural de Castela, dando consultas pelo país, e cujos clientes eram tantos que se concentravam numa longa fila de espera à porta de sua casa, cobrava altos valores pelos seus serviços, sendo procurados por Portugueses ricos e socialmente de estatuto elevado. Foi o caso de Bernardo Correa, cantor da Capela Real, que a procurou para resolver um problema amoroso, pagando «cinquenta milhões», e acabando por a denunciar à Inquisição de Lisboa, por não ter obtido os resultados esperados. O acto de feitiçaria que condenou Maria Ortega ao açoite, ao cárcere e depois ao degredo para Angola assentava «numa ida à igreja, na noite de S. João, juntamente com um frade, benzendo o caminho até à capela», onde teria lugar o feitiço, que consistia na colocação de contas por baixo do altar. No auto-da-fé confessou o crime e, a pedido dos inquisidores, descreveu como era a figura do diabo: «homem de estatura baixa, de barba e de cor da lua e que os raios não deixavam que fosse noite». A singularidade deste acontecimento está precisamente na associação entre as práticas africanas e as formas do Catolicismo, nos locais escolhidos, na participação do frade, na utilização de objectos sagrados como santinhos, orações escritas, fragmentos de pedras de igrejas e sobretudo dos altares, que substituíam os inacessíveis objectos do sagrado africano – búzios, vegetais, minerais, animais, humanos – destinados aos rituais, em África. Estas práticas religiosas, muito censuradas pelas autoridades civis e religiosas, e duramente punidas com a própria vida – embora seja provável o número baixo de mulheres queimadas pelo fogo da Inquisição –, constituíam um espaço sincrético de entendimento entre os Portugueses e os profissionais africanos – homens e mulheres – desta actividade, que dura até aos nossos dias. Pormenor do Processo da nº 834/1637, *Inquisição de Lisboa*, 1637. ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.



Representação de cabeça feminina em cerâmica oitocentista de Viana do Castelo, sublinhando vigorosamente as características somáticas de uma mulher negra africana. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia de José Pessoa.



O Terreiro do Paço foi um dos espaços da capital portuguesa, juntamente com o Rossio, onde tinham lugar os cruéis autos-de-fé, sendo aí queimados vivos muitos Portugueses e alguns Africanos, perante uma multidão em delírio festivo, que os apupava e se congratulava com a violência da cerimónia. Gravura anónima de 1722. Museu da Cidade – CML. Fotografia de Júlio Marques.



**ASTRÓLOGA
MÃE CONGA**

Quereis descobrir alguma coisa que vos preocupa? Destruir trabalhos de demanda, mal olhado, inimigos ocultos, quer saber se vais ter vitórias nos negócios, emprego, mudanças, viagens, amor, casamento, separação de amantes, vício de embriaguez, enfim. Trata-se de casos que vossa senhoria não encontre solução MÃE CONGA indicará a remoção de qualquer dificuldade, através das ciências ocultas, pois trata-se de uma consulta completamente diferente de outras profissionais.

Amigo, quer saber a origem dos seus fracassos? Há casos íntimos? Problemas em família, doença espiritual? Há quedas de lucros em sua lavoura, indústria ou comércio? Trata-se também de frieza sexual em ambos os sexos com o maior sigilo.

Não existe problemas sem solução.

Consultas pelos búzios, cartas e vidências.

ATENDE-SE DE SEGUNDA A SEXTA
DAS 9 ÀS 20HS. (COM MARCAÇÃO)

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 11 - 4.º DIREITO
CAIS DO SODRÉ (EM FRENTE À C. P.)

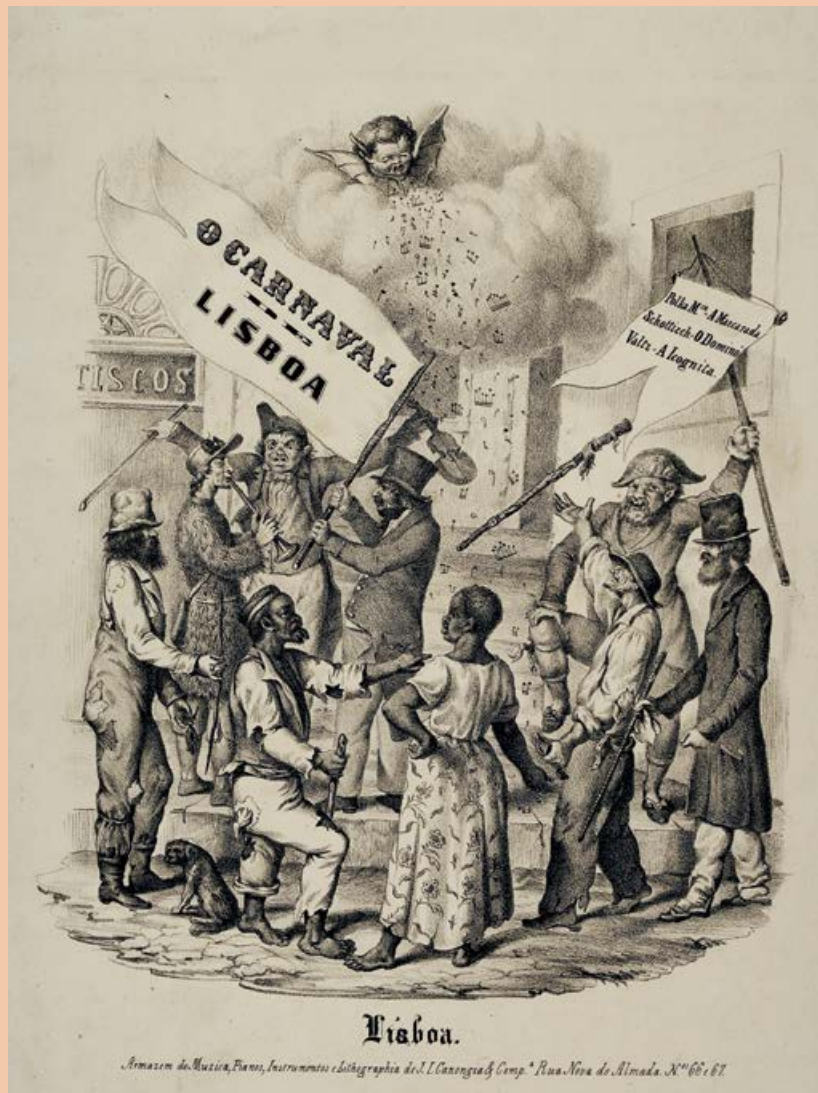
TEL. 342 23 18

Astróloga Mãe Conga. Pequeno cartão semelhante a muitos outros, distribuídos gentilmente a quem circula na rua, no Rossio, em Lisboa, por exemplo, anunciando as competências das e dos astrólogos de hoje, feiticeiros de ontem: homens e mulheres marcados por religiões e origens diferentes integram esta profissão que continua florescente em Portugal.

OS ESPAÇOS LÚDICOS: ESPECTÁCULOS, DANÇA E MÚSICA



O Cais do Sodré em 1785. A participação africana nos mais diversos espectáculos de natureza lúdica organizados pelos Portugueses ou pelos próprios Africanos, ou simplesmente em manifestações espontâneas de alegria e festa, era constante nos quotidianos de Lisboa. Esta imagem do Cais do Sodré em Lisboa mostra um concerto espontâneo dado por uma pequena orquestra de Africanos tocando tambor, viola e pandeireta, vendo-se também um dos muitos portadores da imagem do menino-jesus procurando obter esmola e ainda duas mulheres africanas, provavelmente vendedeiras, uma delas carregando um cesto na cabeça, que não podem deixar de participar no evento musical. Pintura setecentista de Joaquim Marques, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



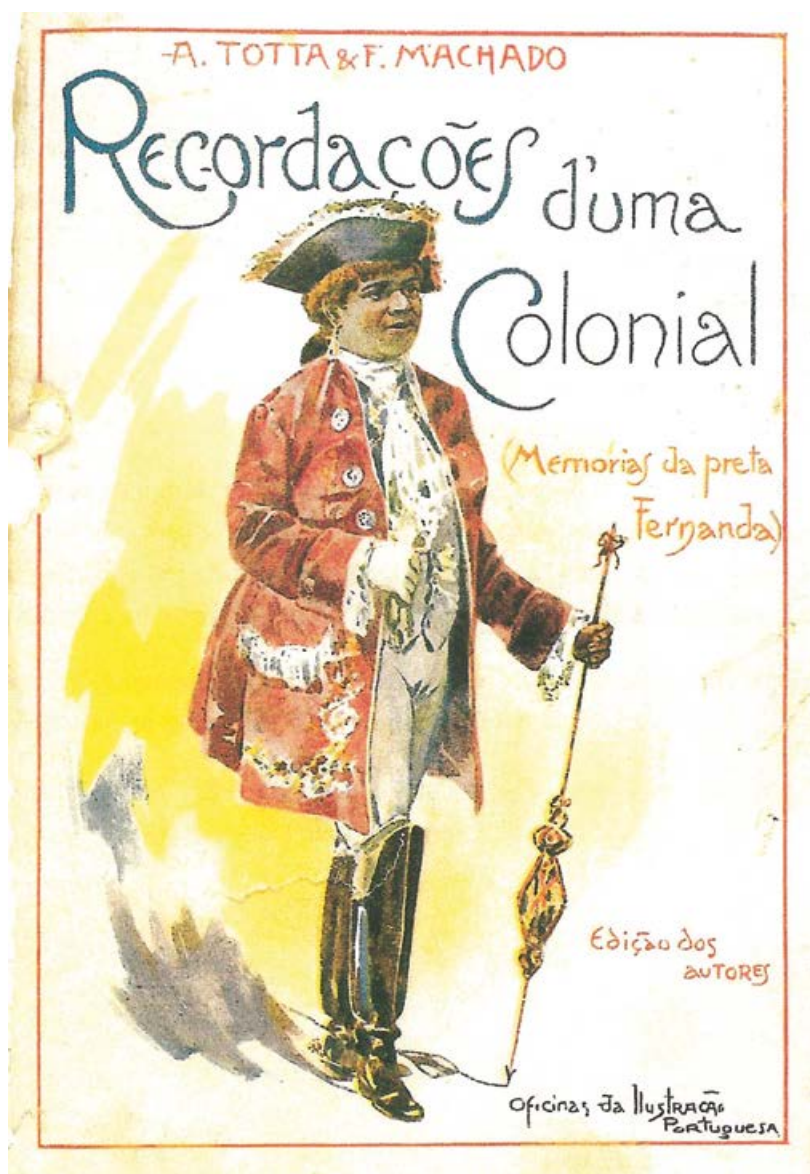
O Carnaval de Lisboa, festa culturalmente mestiça, onde brancos, negros e mulatos participam em conjunto na possibilidade de infringir, sem castigo, a rigidez da norma social. Uma mulher negra e descalça ocupa o plano central da representação. Litografia de Canongia de 1875, Museu da Cidade – CML, Lisboa. Fotografia de Júlio Marques.



BEGGING FOR THE FESTIVAL OF N.S.D'ATALAYA.



Peditório de Nossa Senhora da Atalaia. Litografia colorida oitocentista, intitulada «Peditório de Nossa Senhora da Atalaya», representando um peditório levado a cabo por Africanos vestidos segundo as normas das confrarias, acompanhados de músicos e de bailarinos africanos, vendo-se uma mulher negra e pouco vestida dançando o lundum, dança africana comum nestas cerimónias públicas, sob o olhar interessado de mulheres brancas e muito criticada pelo autor inglês da cena. *Sketches of Portuguese Life*, Londres, 1826. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.



A «Preta Fernanda» em traje de toureira. Festas muito participadas pelos Africanos, as touradas constituíam espaços lúdicos de integração através de formas diferentes de intervenção, que iam do toureio propriamente dito, como no caso de Fernanda do Valle, pseudónimo literário da cabo-verdiana Andresa do Nascimento, designada de Preta Fernanda, que toureou em praças de Lisboa, como o Campo de Santana, e de Algés, até a cenas de divertimento nos intervalos das touradas, muito apreciadas pelos espectadores. Aguarela de Alberto Sousa, capa do livro *Recordações de uma Colonial – Memórias da Preta Fernanda*, de que foi co-autora com A. Totta e F. Machado, Lisboa, 1912. Fotografia de Júlio Marques.

FESTAS E MEMÓRIA HISTÓRICA



O Bairro do Mocambo em Lisboa. Pormenor de um Painel de azulejos intitulado *Grande Vista de Lisboa*, de barro vidrado, fabricado entre 1700 e 1725 e atribuída a Gabriel del Barco, que representa a cidade antes do terramoto de 1755. Este pormenor assinala a maneira como o Bairro do Mocambo se integrava no espaço urbano ocidental de Lisboa – fora de portas mas permitindo a proximidade necessária para o desempenho fácil das diferentes actividades urbanas das populações africanas aí residentes -, assinalado pelas colunas de fumo das olarias que ali teriam funcionado. De entre os lugares cuja forte marca africana era revelada pela toponímia, salienta-se pelo seu carácter inédito e único na Europa, este Mocambo de Lisboa, hoje a Madragoa. Bairro da cidade, por alvará régio de 1593, cuja designação recorre a um termo do umbundo, uma das línguas de Angola, significando ‘lugar de refúgio’, ‘local de instalação’, ‘pequena aldeia’, o Mocambo era, desde os finais de Quinhentos, um espaço urbano onde os Africanos, sobretudo livres, mas também alguns escravos que lá encontravam refúgio, estavam instalados, coabitando, a partir do século XVII, com Portugueses, sobretudo gente ligada às actividades do mar e mantendo relações de trabalho com os inúmeros conventos, em particular femininos, daquela zona, grandes consumidores de mão de obra africana, forra e escrava. Registe-se a singularidade deste bairro: por um lado, a argúcia das autoridades portuguesas que se traduz na utilização de um termo africano (que conheciam, desde 1530, como lugar de refúgio dos escravos fugidos dos engenhos de açúcar da ilha de São Tomé) para identificar o bairro dos ‘pretos’ ou ‘negros’; por outro lado, sublinha também o engenho africano capaz de criar um ‘território’ próprio, travando a pulverização da presença africana, onde o papel das mulheres na preservação da africanidade foi sempre relevante, e permitindo estruturar uma comunidade integradora de formas culturais diversas, portuguesas e africanas. Pouco a pouco, os Africanos abandonaram o bairro e a desapareção do Mocambo de Lisboa foi-se acentuando, transformando-se, primeiro em Rua, depois em Travessa do Mocambo e desaparecendo na segunda metade do século XIX. Museu Nacional do Azulejo, Lisboa. Fotografia de Carlos Monteiro.



BAYLE DOS NEGROS.

*Rey. Rainha.
Seis negros. Quatro negras.
Dois Titeres. Acompanhamento,
e Musicos instrumentos da mesma nação.*



FORMARSE-HA hum vistoso Carro, ou Carroça, pela qual hiraõ puxando dous Leões, no frontispicio, do Carro se veráõ duas Aguias, e no fim se levantará huma gruta, dentro da qual hiraõ sentados Rey, Rainha, sobre a gruta se verá hum pavilhão, ou guarda-fol de penas, o qual sustentará hum Negro vestido à Ethiopeza, hiraõ cobrindo à superficie deste Carro variedades de passaros, como Araras, Papagayos, como tambem Bugios; sobre os Leões hiraõ os Titeres, & finalmente se satisfará tudo à propriedade da Nação.

BAYLE.

Introdu. **T**Oro os pleto q̄ ha em Blaga
N aos festa vem com plimor,
que sã huns festa que alegria
plo fer festa do Sior.
Vaya vaya ri sorfa,
que os blanco pasma
ver que toca os pleto,
e as neglas baya.
Rey. Ah reslos grutas!
Rainha. Ah reslos matros.
Negros. Vozo que manda?
Rey.Ray. Que oy toro os pleto ri Angora
faña festa, canta, y toca.
Negros. Toro os plerio fiolo
que he teu Vassãro
baya, canta, toca, y farta,
que he seu regãro,
Titer. E voso pletia canta,
vozo fãca cabriola,
e vozo fiolo Monarca.
manda que estos neglos toca!
Rey.Rai. Si si si si si,
plo que os blanco oya,
que ri Angora os pleto
cantar fãbe os forã.
Todos a 4. Si si si si si, &c. *Volta.*
Vem decendo.
Rey.Rai. Quello al Pan glaciozo
fizer huns dança
Vozo neglo bliczo (ta
huns baya, outro toca, vozo cã-
Tit. r. Ea fiolo Rey
vozo me mandã
plo que eu fa feus fervo
A 3 gasta

O Bayle dos Negros de Braga. Festas, bailes, cortejos africanos, por vezes sabiamente integrados nas festas religiosas ou profanas portuguesas constituíam uma estratégia de preservação de formas culturais e históricas africanas, revelando também a compreensão da natureza dinâmica da identidade e da necessidade constante da sua renovação. Ligados à música e à dança, estes outros ritmos festivos, organizados em torno de figuras nacionais africanas – particularmente sob a forma política que é sempre religiosa na lógica civilizacional africana – asseguravam a autonomia dos Africanos na sociedade portuguesa, cuja identidade africana se consolidava também em lugares de encontros ritualizados, que permaneceram até aos dias de hoje. Esta longa descrição de 1731, dançada e acompanhada por um cântico que alude às relações de dependência e respeito dos participantes para com os seus reis e rainhas angolanos, em que participam activamente as mulheres africanas - «as negras bailam» -, põe em evidência a complexa associação entre canto, dança, 'língua de preto', memória histórica e sentimento identitário africanos e a organização religiosa portuguesa, dando conta do sincretismo festivo que marcava a sociedade portuguesa. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

21 DE SETEMBRO DE 1882 O ANTONIO

GRANDE SUCESSO
 Domingo 17 de Setembro de 1882
ASSOMBROSA FESTA
 Na Travessa do Outeiro à Rua da Bela Vista à Lapa
ACCLAMAÇÃO E COROAÇÃO
 DA NOVA RAINHA DO CONGO, MARIA AMÁLIA I.^a
Grande festa da corte do Congo
 Para solemnizar tão festivo e grandioso dia



A certo procurando dar a esta festa o esplendor que requerem tais actos, não se tem poupado, pelo que haverá salvas de morteiros, ascensão de balões, brujunho, coreografia de marchas honoríficas, commendas, títulos, etc. terminando por esplendido baile.

Convidam-se todos os portuguezes e os que o não sejam a tomarem parte n'esta festa, crendozinho assim os laços de amizade e fraternidade com os vassallos da nova rainha.

PRINCIPIA A'S S E MEIA



EM PRETO OU EM BRANCO TODOS AS CORTES SE PARECEM

Carta de Calisto Moreira a Antonio Maria



Senhor Antonio Maria,
 Disse Yousse Semberta
 Que o artista confiteiro,
 Que ao paladar dá consolo,
 Não tinha amor pelos lobos
 Por enjoados do chitro.

Saiba que se enganou n'isto,
 Pois cá lemos em o Calisto,
 O irmão do 193,
 Que, sério, lhe certidão
 Ser dos lobos que fabrico
 O mais gulosos frequez.

MARIA 311

A SUA Magestade a NOVA RAINHA DO CONGO



Rainha do Congo,
 Com todo o respeito
 Te offreyo o meu preto
 De branco real:
 O teras o rosto
 Da cêr do coquillo,
 Não tira o aureo briho
 Da c'róa real.



Que seja ditoso,
 Que seja mui longo,
 Rainha do Congo,
 Teu justo reinar.
 Se posso em governos
 Metter o bedelho,
 Lá vae um conselho
 Que vem a calhar



Se queres do povo
 As jóas e os hymnos,
 A dedo os *Paulinos*
 Vae prompta escolher;
 E dá-lhes as pastas
 Da guerra e justiça,
 E a foia pregajça
 Castiga a valer.

Se achares um rombo
 Nas tuas finanças,
 Não sejas das tanças,
 Não faças Anypé.
 — P'ra males tamanhos,
 Remedios bem promptos:
 Deixa-te de contos,
 E chima e Bursay.



Verás syndicatos
 Salvando a futrica,
 Render fava rica
 Luzento metal;
 Terás, rodçada
 De comas e duques,
 Festanças, batiques
 E coisas e tal.

Do frontão eu muito panno,
 Mas vejo ali pleonasso.
 — Onde o vê?... debalde scisso.
 — Olha, bruto, faz favor,
 Pois não vês da Patria o Amor
 Ao lado do patriotismo!



A Coroação da Rainha do Congo. Se a primeira imagem anuncia «Grande Sucesso» e mais uma «Assombrosa Festa», a ter lugar no dia 17 de Setembro de 1882, numa casa situada na zona de Lisboa, no antigo Bairro do Mocambo, e onde se procederá à aclamação e coroação da nova Rainha do Congo, Maria Amália I, a segunda imagem, que ridiculariza graficamente os Africanos, consagra um poema à nova soberana, homenageada e respeitada tanto por Brancos como por Pretos. Documentos publicados em *O António Maria*, de 21 a 28 de Setembro de 1882. Hemeroteca Municipal – CML, Lisboa.

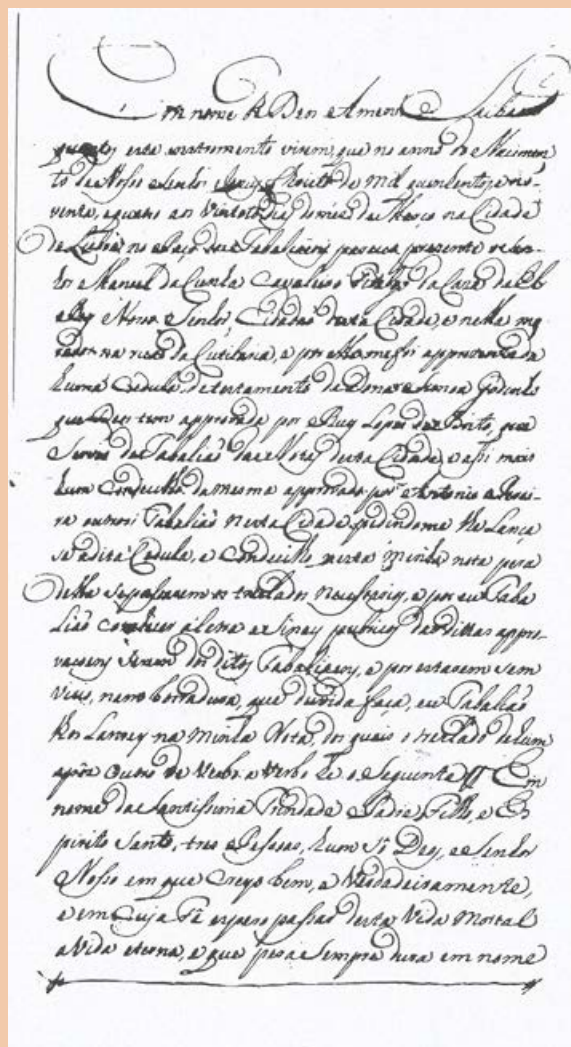


Mulher africana preparando chouriços. Pequena escultura da cerâmica de Estremoz representando uma mulher negra a encher chouriços, o que lhe valeu a alcunha de «preta do chouriço». A singularidade desta representação reside no facto de poder ser ela inspirada na figura da Rainha do Congo, Maria Amália I, que casou com um português e se instalou num monte alentejano, onde aos 82 anos, em 1939, foi visitada por João Jardim de Vilhena, que a encontrou precisamente enchendo paios e chouriços, actividade que muito apreciava. Cortesia Clube das Artes.

PERSONALIDADES FEMININAS RELEVANTES NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Dona Simoa Godinho. Portuguesa, mestiça, nascida em São Tomé, oriunda de família santomense – possivelmente descendente de ricos Africanos que se instalaram na ilha, com posses e filhas educadas que casavam com Europeus, como revela o Piloto Anónimo em 1545 -, proprietária de fazendas, plantações de cana de açúcar e escravos africanos que cedo viria a herdar, Simoa Godinho foi uma figura rara, pela origem, pelo estatuto, pela época em que viveu, conjugando na sua vivência as dimensões social, económica, cultural e biológica portuguesa e africana. Casou com Luís de Almeida, português, fidalgo da casa real, sobrinho de Baltasar de Almeida, feitor do trato dos escravos na ilha, vindo a falecer em Lisboa em 1594, onde ficou conhecida como benemérita da Misericórdia, tendo mandado construir na igreja do mesmo nome, a capela do Espírito Santo onde está sepultada. O casal, que herdou, comprou e acumulou terras e plantações, negociava açúcar e possivelmente escravos, viveu em São Tomé até 1578, data em que deixou a ilha, entregou a gestão dos seus bens a um feitor e veio instalar-se em Lisboa, continuando a viver dos elevados rendimentos santomenses. Em Portugal, viveram de forma opulenta, adquirindo casas e propriedades, fazendo negócios e mantendo relações continuadas com a elite portuguesa, em particular, ligada ao comércio e aos assuntos ultramarinos, mas também com a Igreja e com religiosos de estatuto elevado. Proprietários de mais de uma vintena de escravos, número muito significativo na época, os seus bens – entre os quais os seus escravos músicos - foram legados por Simoa Godinho que faleceu depois do marido, à Misericórdia de Lisboa e a outras instituições de natureza social e religiosa.

Primeira Página do Testamento de Dona Simoa Godinho feito em Lisboa, Paço dos Tabeliães, em 28 de Março de 1594. Padre António Ambrósio, *Dona Simoa Godinho de São Tomé em Lisboa: o seu Testamento e a sua Capela*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1998.





Fernanda do Valle, pseudónimo literária da cabo-verdiana Andrêsa do Nascimento, foi escritora e toureira destacando-se sobretudo pela sua participação em festas públicas e privadas lisboetas, intervindo activamente na vida boémia de Lisboa. Fotografia publicada no livro de que foi co-autora com A. Totta e F. Machado, *Recordações de uma Colonial – Memórias da Preta Fernanda*, Lisboa, 1912.



A **Abolição da Escravatura**, decretada por Sá da Bandeira em 1869, está fixada na estátua do Marquês na Praça D. Luís I em Lisboa, tendo a seus pés uma figura feminina com as grilhetas da escravatura quebradas no tornozelo e com uma criança ao colo, a quem explica a liberdade. Trata-se de Fernanda do Valle, que segundo informação da própria registada na sua obra *Recordações de uma Colonial – Memórias da Preta Fernanda*, terá sido o modelo dessa escultura, da autoria de Giovanni Ciniselli. Fotografia de Júlio Marques.



Virgínia Quaresma, nascida em Elvas e 1882, foi a primeira mulher jornalista portuguesa, colaborando com artigos de natureza política, em particular no jornal *O Século*, licenciada pela Universidade de Lisboa num tempo em que o acesso das mulheres ao ensino superior era muito reduzido, e tendo desempenhado um papel pioneiro interventivo na protecção dos direitos das mulheres. Arquivo Fotográfico do Jornal *O Século*. Fotografia cedida pelo ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO TEMPO COLONIAL

(FINAIS DO SÉCULO XIX-SÉCULO XX)



Gungunhana com uma das suas mulheres. Figura maior da selvajaria africana no imaginário português, o chefe nguni é aqui representado de forma caricatural, bebendo, descalço, com ornamentos ridicularizados e ridicularizantes, acompanhado por uma das suas muitas mulheres, desenhada de maneira inferiorizante, e sinal também da sua selvajaria. A imagem põe em evidência a manutenção dos preconceitos reformulados a partir dos conhecimentos científicos estabelecidos no século XIX. Gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, de 1878, intitulada “*O Entrudo que não se viu*”. Museu Bordalo Pinheiro - CML, Lisboa.



As Meninas. Gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, intitulada “Portugal e as Colónias”, publicada no periódico *A Paródia*, em 1902, que pretende mostrar Portugal e as colónias portuguesas a braços com as potências europeias, que não reconhecem os argumentos históricos portugueses para justificar as pretensões portuguesas em África. As “Meninas”, que são Mulatas, representam as colónias portuguesas, recusando o “velho e trêpego” Portugal, e fazendo a corte como ‘boas mulatas’ – preconceito da época – aos colonialistas europeus, mais jovens e mais dinâmicos. Museu Bordalo Pinheiro - CML, Lisboa.



Exposição Colonial do Porto — Uma Irmã Missionária de Maria, ensinando uma pretinha a coser à máquina



MULHERES BIJAGÓZ

Índigenas da Colónia da Guiné



Representações femininas da Exposição Colonial do Porto, 1934.

As Exposições Coloniais (Porto 1934 e Lisboa 1940), organizadas pelo Estado Novo, convidavam os Portugueses a olhar o conjunto das suas colónias, incluindo 'amostras ao vivo' das populações apresentadas como animais exóticos de um qualquer jardim zoológico.

Estas Exposições davam conta do exotismo das populações e das naturezas, ambas marcadas pela selvajaria africana e pela desvalorização cultural dos povos africanos, perante o esforço civilizador português, cujas acções foram igualmente postas em evidência nestes dois grandes eventos nacionais. As imagens mostram, para além de representações construídas nos espaços expositivos (esculturas, desenhos, pinturas), a organização das aldeias africanas, onde foram expostos muitos Africanos e Africanas trazidos expressamente para ser mostrados aos Portugueses e legitimar a acção colonizadora em curso, em África. Nus ou semi-vestidos, os seus quotidianos, comportamentos e práticas foram registados graficamente no *Album Fotográfico da Exposição Colonial Portuguesa, Porto, 1934*, e no jornal *O Primeiro de Janeiro* de 2 de Julho de 1940. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.



A Exposição do Mundo Português, Lisboa 1940. Representações de Africanas esculpidas e pintadas. Cabeças modeladas em cimento pintado de negro, produção escultórica destinada a sublinhar as características físicas das populações do império, existentes no Jardim Botânico Tropical, em Lisboa, onde teve lugar a Exposição de 1940. Fotografias de Júlio Marques e Ricardo Pereira.

Uma novidade...



— Já sabe, senhor gorducho
Esta grande novidade?
Transformei a minha casa
Na mais bela da cidade...

— Já sei disso, mulatinha,
Dou-lhe as minhas saudações,
E vou já ver de seguida
As novas instalações.

AVISO IMPORTANTE
A **Mulatinha**, ampliou o seu estabelecimento até à
esquina do mesmo lado.
A **Mulatinha**, ocupa na mesma rua desde o número
106 ao 114. Não confundir.
106 - RUA DOS CAVALEIROS - 114
DESCONTO AOS REVENDEDORES



Representações gráficas de mulheres africanas. Se a publicidade portuguesa recorre à utilização de figuras africanas de forma inferiorizante, a escrita descreve com violência as mulheres negras que só podem pertencer ao espaço da selvajaria. «Uma Novidade» anuncia um estabelecimento comercial recorrendo a uma cena centrada num velho português libidinoso e numa jovem africana espevitada – «a Mulatinha» - salientando o preconceito que atribui às mulheres mestiças o gosto de atrair os homens, neste caso os clientes. Desenho de Stuart de Carvalhais, *A Dama Vermelha*, Novembro de 1940. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

A publicidade do «rhum velho» como de outras bebidas alcoólicas não podia deixar de recorrer às representações de Africanas consideradas adequadas das bebedeiras desenfreadas, reveladoras da sua natureza irracional. Coleção Particular. Fotografias de Júlio Marques.

«O Sol e a Noite» é um conto para crianças, de Virgínia Lopes de Mendonça, datado de 1940, que opõe um branco sereno, “risonho e brilhante” a “uma velha muito preta, muito feia, ...beijola grossa, carapinha desgrenhada, ... de meter medo”. A escritora mobilizou todos os lugares-comuns negativos que marcavam as Africanas, opondo o negro retinto ao louro solar, repetindo os estereótipos que os definiam. Suplemento infantil Pim-pam-pum do jornal *O Século* (05.09.1940), Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

O SOL E A NOITE

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA



Foi no principio do mundo que este caso sucedeu.

A noite, uma velha muito preta, muito feia, de grande beicoca grossa, carapinha desganhada, ares carrancudos de meter medo, tinha uma raiva, um rancor sem limites; ao louro sol, risonho, brilhante, resplandecente, que espalhava o seu brilho sobre todas as coisas.

E tanto a negra noite barafustou, na maneira de fazer desaparecer do firmamento aquelle dotrado e lindo rival, que pôs em acção uma ideia estranha, diabolica.

Tempos e tempos, andou numa labuta, arrecadando farrapinhos de nuvens, das mais pesadas, das mais pretas.

Calculem lá para o que queria ella tantos farrapinhos de nuvens?

Eram retalhinhos que ia juntando uns aos outros, para fazer um sacco, grande, muito grande, enorme, formidavel!

Depois, veio de mansinho, deasfando logo a anchor de sombras o céu e a terra, tal era o seu negrume, a sua pretidão!

Ao chegar perto do sol, fez uma carantonha horrenda e zás! deitou-lhe por cima o tal sacco, feito de nuvens muito grossas, muito escuras e, assim, conseguiu escondê-lo.

Já se vê, a escuridão foi tão grande no mundo que tudo deixou de ser

lindo, para se tornar horroroso, pois o reino das sombras substituiu o reino da luz.

Mas o sol é que não estava pelos ajustes... Nascera para ser visto, admirado, e cheio de furia com o procedimento da maldosa noite, muito zangado, à força de calor, rebentou o grosso tecido do enorme sacco, aonde estava metido.

Então, por esses buracos, uns bocadinhos de sol foram saindo...

A sua beleza não era exactamente a da luz, que brilhava de dia, não tinha o seu calor intenso, nem o seu brilho estonteante, mas era uma beleza suave e linda que enfeitava o céu em pedacinhos muito pequeninos, dando-lhe uma poesia admiravel.

E o céu, a-pesar da sua escuridão, ficou uma formosura!

A noite, furiosa, o que fez?

Pôs-se a remendar o sacco com remendos de mais nuvens e de vez em quando consegue continuar a escurecer de todo o firmamento, porque o sol, dentro do sacco remendado, não pode brilhar, nem mesmo aos pedacinhos.

Esta luta, sem treguas, nunca mais parou!

A's vezes, o sol, com os seus ataques da furia, rebenta todos os dias o seu sacco-ristão e, até brilha no céu não só aos pedacinhos — que são as estrelas, como já perceberam — como também num astro maior e ainda mais poetico: a Linda lua!

Outras vezes, a noite horrenda consegue os seus fins, tem tais artes de o



esconder, que elle fica dentro do sacco e pelo céu e pela terra só ella reina, como senhora absoluta, com a sua pretidão e fealdade.

Eis aqui uma fantasia que talvez os tenha divertido, meus queridos amiguinhos. Mas, não passa de fantasia, que também tem o seu lugar nos contos para entreter.

★ *Fim* ★



MULHERES AFRICANAS NA TOPONÍMIA LISBOETA



A toponímia portuguesa é bem reveladora do processo relacional de Portugal com a África e da constante presença africana no país, evidenciando a força da leitura física do Africano: a sua instalação em cidades, aldeias, sítios e ruas originou designações, por todo o país, que remetem para o aspecto físico, em particular a cor e a pele, dos Africanos. As figuras femininas africanas são poucas e quase sempre anónimas, privilegiando as referências à cor da pele. Ver o *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular* de Américo Costa, 12 volumes, Porto, Livraria Civilização, 1929-1949. Fotografias de Júlio Marques e Ricardo Pereira.



PRESENÇAS FEMININAS AFRICANAS NO PORTUGAL DEMOCRÁTICO



O «lugar do encontro» permanece o espaço urbano entre o Rossio e o Largo de São Domingos, em Lisboa. Se a memória antiga da importância social e religiosa deste lugar na vida dos Africanos se perdeu certamente, podemos contudo aceitar que o sítio constitui um símbolo dessa presença secular, transmitida de geração em geração, ao longo de séculos de história. Fotografias de Júlio Marques e Ricardo Pereira.

Se após o 25 de Abril de 1974, o país acolheu várias migrações africanas de tipologia diversa e reconheceu a presença de muitas Africanas e descendentes de Africanas, apesar do preconceito anti-negro se ter mantido ainda activo, foram sobretudo os espaços das periferias urbanas que acolheram os lugares onde se fixaram diversos bairros africanos, com uma habitação degradada, pobreza, más condições de vida - hoje em via de melhoramento -, e onde se instalaram Africanos-imigrantes, Afro-descendentes, Portugueses de origem e cultura histórica africana, que aí desenvolveram as práticas sociais europeias articuladas com as singularidades culturais africanas, criando formas culturais e sociais inovadoras, resultado de sincretismos e de cruzamentos da África e do Mundo. Muitas mulheres anónimas de estatutos sociais e culturais variados participaram (e participam) na construção constante do país, algumas notabilizando-se em diversas áreas da vida social portuguesa. As imagens mostram-nos vivências e práticas africanas num bairro de Lisboa, num registo sincrético afro-português: das brincadeiras na rua, às formas sociais e aos bailes cruzando ritmos africanos e formas de dança portuguesas.



Fotografias de Joost de Raeymaeker.

No início do século XXI, a presença africana feminina em Portugal afirma a sua relevância social e política. As segundas e terceiras gerações de imigrantes africanas, cidadãs portuguesas, vão ocupando o seu espaço na sociedade, desempenhando novos trabalhos e mais profissões socialmente reconhecidas, começando a alertar a sociedade e os poderes públicos para as barreiras à igualdade de oportunidades no acesso às várias esferas sociais, à educação de nível superior, ao emprego qualificado, ao poder económico e à intervenção política. As associações representativas de migrantes e afrodescendentes, cada vez mais organizadas, assumem um papel relevante nesta tomada de consciência e no reconhecimento da presença afrodescendente na sociedade portuguesa.

Um novo associativismo feminino negro, africano e afrodescendente emerge no país e várias colectividades de mulheres constituem-se formalmente para uma reflexão conjunta e para a organização de actividades, que procuram contrariar o silenciamento e a invisibilidade das mulheres negras, tornando-se espaços privilegiados de capacitação e de participação social e política. Assim, jovens e mulheres negras vão assumindo cada vez mais um espaço social, que lhes permite uma crescente denúncia e um combate persistente contra a discriminação racial, que durante séculos marcou as suas vidas, bem como a afirmação e a valorização da herança e da cultura negra e africana em Portugal.



Fotografias do Instituto da Mulher Negra em Portugal - INMUNE.



Fotografia de Ricardo Pereira.

Bibliografia

- BRANDÃO, João, [de Buarcos], 1990, *Grandeza e Abastança de Lisboa em 1552*, organização e notas de José da Felicidade Alves, Livros Horizonte, Lisboa.
- COELHO, António Borges, 2006, *Ruas e Gentes na Lisboa Quinhentista*, Editorial Caminho, Lisboa.
- COSTA, Américo, 1929-1949, *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*, 12 volumes, Livraria Civilização, Porto.
- FONSECA, Jorge, 2010, *Escravos e Senhores na Lisboa Quinhentista*, Colibri, Lisboa.
- FREYRE, Gilberto, 1940, *O Mundo que o Português criou. Aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colónias portuguesas*, Livraria José Olympio, Rio de Janeiro.
- GUSMÃO, Neusa M. Mendes, 2004, *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- HENRIQUES, Isabel Castro, 1993, “L’Afrique dans l’iconographie coloniale portugaise”, in BLANCHARD e CHATELIER, eds., 1993, *Images et Colonies*, SYROS/ACHAC, Paris.
- _____, 2004, *Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África (Séculos XV-XX)*, Caleidoscópio, Lisboa.
- _____, 2009, *A Herança Africana em Portugal-séculos XV-XX*, CTT-Correios de Portugal, Lisboa.
- _____, 2019, *Roteiro Histórico de uma Lisboa Africana*, ACM - Alto Comissariado para as Migrações, Lisboa.
- LAHON, Didier, 1999, *O Negro no Coração do Império – Uma Memória a Resgatar. Séc. XV-XIX*, Ministério da Educação, Lisboa.
- LAHON, Didier e NETO, M. Cristina, (eds.), 1999, *Os Negros em Portugal – Sécs. XV a XIX*, Catálogo da Exposição, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa.
- MARGARIDO, Alfredo, 1984, *La vision de l’Autre (africain et indien d’Amérique) dans la renaissance portugaise*, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris.
- _____ 2003, “As normas somáticas de duas Cantigas de Maldizer”, *Revista de Humanidades e Tecnologias*, nº 9, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, pp. 138-142.
- _____ 2000, *A Lusofonia e os Lusófonos. Novos Mitos Portugueses*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa.
- MARTINS, J. P. de Oliveira, 1953, *O Brasil e as colónias portuguesas*, 1880, Guimarães Editora, Lisboa.
- MATOS, Patrícia Ferraz de, 2006, *As Cores do Império. Representações Raciais no Império Colonial Português*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.
- PANTOJA, Selma, 2011, *Negras em Terras de Brancas: as Africanas na Rede da Inquisição*, Ed. UnB (Universidade de Brasília), Brasília.
- PIMENTEL, M. do Rosário, 1995, *Viagem ao Fundo das Consciências. A Escravatura na Época Moderna*, Colibri, Lisboa.
- _____ 2010, *Chão de Sombras – Estudos sobre a Escravatura*, Colibri, Lisboa.
- SAUNDERS, A.C.C.M., 1994, *História Social dos Escravos e Libertos Negros em Portugal (1441-1555)*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1994. [1ª edição 1982].
- TINHORÃO, José Ramos, 1988, *Os Negros em Portugal. Uma Presença Silenciosa*, Caminho, Lisboa.
- VASCONCELOS, José Leite de, 1942, *Etnografia portuguesa*, Imprensa Nacional, vol. III, Lisboa.
- ZURARA, Gomes Eanes de, 1973, *Crónica de Guiné (1453)*. Livraria Civilização Editora, Lisboa.

Título
Mulheres Africanas em Portugal:
O Discurso das Imagens (séculos XV-XXI)

1.ª Edição
2019

Autoria e pesquisa documental
Isabel Castro Henriques

ISBN
978-989-685-107-1

Depósito Legal
462667/19

Design
Dinamene Rodrigues

Impressão e Acabamento
ACD Print, S.A.

Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade
ACM, I.P. - Alto Comissariado para as Migrações, I.P.
Rua Álvaro Coutinho, 14
1050-025 Lisboa
218 106 100 / 218 106 117

acm@acm.gov.pt
www.acm.gov.pt

AGRADECIMENTOS:



